

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 11 | Nº 32 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.7005349>



NECRÓPOLES: PROCESSO HISTÓRICO, TERMINOLOGIA, ARTE E ARQUITETURA CEMITERIAL

Francisleile Lima Nascimento¹

Elói Martins Senhora²

Resumo

As necrópoles surgiram da necessidade de a sociedade sepultar seus entes. A preocupação com o local correto para enterrar seus mortos, surgiu quando os problemas socioambientais apareceram devido à interferência natural dos sepultamentos nas áreas escolhidas para tais atividades. Diante disso, o presente artigo tem como objetivo analisar o processo histórico das necrópoles, enfocando a partir da terminologia da palavra e perpassando pelos aspectos da arte e da arquitetura cemiterial, ao qual foi modificando-se ao longo dos séculos. A metodologia parte de um estudo bibliográfico, de cunho descritivo e exploratório sob a abordagem qualitativa, cuja análise considera os fatos históricos mais antigos e atuais para descrever o processo histórico dos cemitérios no mundo e no Brasil.

Palavras chave: Cemitério. Morte. Necrópoles.

Abstract

Necropolises have arisen from society's need to bury their loved ones. The concern with the correct place to bury their dead has urged when socio-environmental problems appeared due to the natural interference of burials in the areas chosen for such activities. Therefore, this article aims to analyze the historical process of necropolises focusing on the terminology of the word and passing through art and cemetery architecture aspects that have changed over the centuries. The methodology procedures of this paper are based on a bibliographical, descriptive and exploratory study developed under a qualitative approach in which the analysis deploys on the oldest and most current historical facts in order to describe the historical process of cemeteries in the world as well as in Brazil.

Keywords: Cemetery. Death. Necropolis.

INTRODUÇÃO

O cemitério é uma temática que necessita ser discutida e repensada constantemente, pois sua aplicação envolve questões de saúde pública. Sua implantação requer planejamento devido às alterações socioambientais que podem ocorrer colocando em risco a preservação memorial dos mortos e a saúde dos vivos.

Por representarem riscos à saúde pública e ao meio ambiente, os cemitérios devem ser planejados de modo que sirvam corretamente para acomodar os cadáveres e se tornem laboratórios de degradação da matéria orgânica. Quando esse planejamento não ocorre, ações emergenciais precisam ser

¹ Geógrafa. Mestre em Desenvolvimento Regional da Amazônia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Empreendedora Educacional do Salva Vidas Acadêmico. E-mail para contato: leile_lima@hotmail.com

² Economista, cientista político e geógrafo. Doutor em Ciências. Professor da Universidade Federal de Roraima (UFRR) e pesquisador do *think tank* IOLEs. E-mail para contato: eloisenhoras@gmail.com



tomadas como plano de controle e adequação de projetos que readéquem sua implantação conforme as normas para continuar em operação.

Esse planejamento torna-se fundamental, tendo em vista que dentre as fontes de contaminação ambiental mais recorrente estão às necrópoles que quando mal implantadas e gerenciadas ocasionam a contaminação do solo e da água subterrânea. A sociedade moderna com suas muitas demandas, levou a cultura ocidental a ter um olhar diferenciado para o fenômeno natural da morte e a prática concreta do sepultamento, desenvolvendo normas para o destino final dos restos mortais de seus entes queridos. Dessa forma, além do aspecto biológico ou necrológico, há vários aspectos que cercam as necrópoles como: culturais, religiosos, higiênicos, urbanos, socioeconômicos, uso do solo e, portanto, ambientais.

Independentemente de sua configuração, todos os modelos de cemitérios apresentam em pequena, média e grande escala problemas de caráter ambiental, social e jurídico. Esses problemas tornam-se cada vez mais complexos quando analisados frente às novas configurações urbanas, necessitando uma reflexão sobre as formas de cemitérios implantados desde os tradicionais (público e privado), os convencionais e os jardins.

Além disso, existe o planejamento urbano, que se depara com uma crescente escassez de locais de sepultamento, principalmente nas grandes cidades. As áreas que podem estar presentes estão se mostrando sensíveis à superação de graves problemas de saúde, relacionados à poluição do solo e das águas subterrâneas subjacentes ou próximas.

Os cemitérios verticais (edifícios) e também os cemitérios horizontais (tradicionais) não evitam problemas semelhantes, embora os cemitérios verticais sejam menos problemáticos. Os crematórios se multiplicam por obstáculos culturais ou religiosos, além da legislação que rege sua construção e implantação, e apresentam diversas peculiaridades que dificultam esse processo.

Considerando o panorama das necrópoles que formam o destino final planetário de milhões de pessoas, que a cada semana descarregam os contingentes da família humana, a presente pesquisa apresenta a seguinte problemática: Qual a representatividade arquitetônica e social dos cemitérios a sociedade? Para responder a esse questionamento, o estudo tem como objetivo geral analisar o processo histórico das necrópoles desde os períodos históricos mais antigos até seu surgimento no Brasil. Como objetivos específicos buscam-se: abordar a terminologia da palavra; identificar os aspectos da arte e da própria arquitetura cemiterial; e discorrer sobre as principais modificações ao longo dos séculos.

A metodologia está fundamentada em autores Rangoni (2014); Pacheco (2012); Brayner (2013); Rodrigues (1999); Leon Lucas (2006); Guandalini (2017); Vieira (2004); Motta (2010), entre outros que fundamentam a pesquisa e refletem sobre o tema em discussão, mas sem intenção de apresentar verdades pré-fabricadas. Entretanto, buscam despertar para a necessidade de reconsiderar os fatos



históricos mais antigos e atuais, para descrever o processo histórico dos cemitérios no mundo até chegar ao Brasil. Sendo assim, a pesquisa aponta que as práticas funerárias mais antigas e quase esquecidas eram praticadas em algumas civilizações e são mais conhecidas por sua herança.

A pesquisa parte de um estudo bibliográfico, de cunho descritivo e exploratório sob a abordagem qualitativa e análise de conteúdo. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, caracteriza-se como bibliográfico, elaborado a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e material disponibilizado na Internet. Do ponto de vista dos métodos de abordagem, a presente pesquisa faz uso do método descritivo, para a descrição das características de determinada população ou fenômeno; do método experimental, para realizar interpretações e avaliações na aplicação de determinados fatores, ou simplesmente dos resultados já existentes dos fenômenos.

Do ponto de vista do método exploratório, para proporcionar maior familiaridade com o problema por meio do levantamento bibliográfico; e do método qualitativo, para verificar a relação da realidade com o objeto de estudo, obtendo várias interpretações de uma análise indutiva por parte do pesquisador. Sendo assim, a abordagem qualitativa dos procedimentos para a coleta de dados se dá através da análise de conteúdo. A análise de conteúdo designa a técnica de investigar e interpretar de forma sistematizada os dados coletados, possibilitando diferentes modos de conduzir o processo de interpretação.

Este tema vem ganhando relevância por não ter sido muito pesquisado e, portanto, poucos são os autores que o abordam por outras perspectivas. Logo, a pesquisa se justifica no âmbito social, científico, profissional/pessoal. No social a relevância está no fato de considerar a percepção de que o cemitério é um negócio que deve receber atenção mais oportuna do governo, que precisa de estudo e planejamento adequado para construí-lo e mantê-lo funcionando, tornando-se um tema relevante para saúde pública. No âmbito científico, a relevância se volta para a necessidade de se produzir mais pesquisas relacionada a temática das necrópoles, abordando diversos olhares que possam contribuir com novas pesquisas e com poder público e sociedade em geral. No âmbito pessoal, a pesquisa tem um trato especial, por ter feito parte da minha dissertação de mestrado como uma pesquisa inovadora para o Estado de Roraima e Brasil.

Sendo assim, a pesquisa se estrutura em seções contextualizadas apresentando o processo histórico e terminologia do termo cemitério e necrópoles, uma abordagem descritiva da arte e arquitetura cemiterial, e pôr fim a apresentação das considerações finais mostrando que as práticas funerárias mais antigas e quase esquecidas eram praticadas em algumas civilizações e são mais conhecidas por sua herança.



PROCESSO HISTÓRICO E TERMINOLOGIA

O termo cemitério é oriundo do grego *koimetérion*, e do latim *Coemeteriu*, compreendido como dormitório ou quarto, ou seja, lugar onde se dorme. De acordo com a mitologia grega, o ato de dormir ou adormecer (cair no sono profundo) era uma ação ligada aos deuses gregos *Hipno* (senhor do sono) e *Thanatos* (senhor da morte), logo o ato de adormecer seria a perda do conhecimento ou da consciência, sem o poder de fazer despertar (RANGONI, 2014).

Segundo Pacheco (2012), o termo cemitério faz parte da linguagem erudita do clero (pertencente à classe da igreja - clero), sendo que os termos galeria e carneiro são os mais antigos para designar o local de sepultamento (enterro ou colocação de um cadáver em uma sepultura, ou ainda local de armazenamento ou um local de consumo aeróbio) de mortos. Dicionários da Língua Portuguesa dão à palavra cemitério outros significados afins: terras descobertas nas quais os mortos são enterrados ou mantidos; onde a morte exige muitos sacrifícios; local onde existem muitos itens dilapidados e destruídos; uma região epidêmica doentia, onde muitas pessoas morrem (HOUAISS, 2001; FERREIRA, 2010).

Todavia, a compreensão do termo cemitério ao longo do tempo sofreu mudanças semânticas significativas entre os séculos XVI a XIX, o contexto europeu imposto pela chegada da burguesia e posteriormente da Revolução industrial impôs novos significados as necrópoles. Esses significados são notórios nos termos ingleses, *cemetery*, que substituiu o termo *churchyard* ou *raveyard* para designar as formas de cemitérios, levando sua implantação para a área rural, o *rural cemetery*. O contexto religioso também influenciou a terminologia da palavra, como se podem evidenciar nos termos hebraicos os seguintes significados: *Beth Olam* (casa da eternidade), *Beth há' hayim* (casa da vida) e no rito alsaciano *Gut-Ozt* (o bom lugar) (PACHECO, 2012).

No contexto brasileiro, o cemitério apresenta-se como um lugar sagrado tanto pelo aspecto religioso imposto pelos portugueses, quanto pela tradição indígena (BRAYNER, 2013). Segundo Pacheco (2012), no Brasil existem duas configurações de cemitérios: os tradicionais em áreas descobertas caracterizados como parques e jardins na forma horizontal, e os edifícios dotados com um ou mais pavimentos em forma de gavetas ou câmaras para sepultamentos, denominados de verticais.

De acordo com Kemerich *et al.* (2014) cemitérios horizontais, especialmente cemitérios tradicionais (onde os enterros geralmente são feitos em uma cova rasa), estão atraindo a atenção dos cientistas sobre a poluição, porque os derramamentos ocorrem diretamente no solo, na cava e, se instalados incorretamente, sem o cumprimento das normas de implantação, a qualidade das águas subterrâneas pode ser comprometida.



Conforme Pacheco (2012), em geral, os cemitérios tradicionais de parque ou jardim são públicos no sentido de autoridade pública e os cemitérios verticais são geralmente privados e, neste último caso, a administração pública exerce a autoridade da polícia. Os cemitérios são instituições sociais essenciais para a organização da gestão do lugar e para o desenvolvimento harmonioso da aglomeração urbana. Portanto, nenhuma sociedade pode viver sem cemitérios.

Esse aspecto social do cemitério pode ser compreendido a partir do conceito que o cemitério é o lugar ou espaço reservado para cultuar a memória de uma determinada comunidade, povo ou grupo de forma que a sua contemplação evoca e fortalece os laços entre os vivos e os mortos. A denominação de cemitérios medievais não foge a esse contexto, pois na Idade Média o homem priorizava o culto a valorização da alma, e os cemitérios eram construídos para guardar os corpos e celebrar o plano espiritual da alma (THOMPSON, 2015).

Nesse contexto, Rodrigues (1999) cita que os cemitérios eram lugares de celebrações estando presentes tanto dentro das cidades, quanto em seus templos como uma representação da vida comunitária, no qual se constituía um espaço celebrativo. Destarte o conceito de cemitério medieval de Fargette-Vissière (2009) que dialoga com Rodrigues (1999), quando o mesmo menciona que:

Os cemitérios da Idade Média nada tinham de tenebroso. De dia ou de noite, era neles que a população das maiores cidades europeias buscava se divertir, quando não fixar residência provisória ou definitiva. Além disso, as necrópoles eram também um espaço de cidadania, pois lá sempre estavam juízes a comunicar sentenças, e o equivalente aos prefeitos de hoje a dar publicidade a suas ações. Esses locais funcionavam ainda como cartórios a céu aberto (FARGETTE-VISSIÈRE, 2009, p. 01).

Sendo assim, os cemitérios eram constituídos como lugares de convívios dos vivos, para celebrarem suas principais atividades sociais concebidos como espaço com função civil e principalmente religiosa, por esse motivo seus espaços ocupavam os terrenos das igrejas em formatos quadrangular e fechado, espaço característico das cidades e aldeias medievais (FARGETTE-VISSIÈRE, 2009).

Nessa perspectiva, pode-se mencionar que os cemitérios na Idade Média tinham um papel social e político importante, como espaço de celebração das ações civis como lugar característico e marcante no que tange os aspectos socioespaciais da urbanização das cidades medievais, que sofriam com problemas de higiene e limpeza por conta do acúmulo dos corpos, uma vez que as sepulturas eram espaços coletivos (RODRIGUES, 1999).

Nesse sentido, percebe-se que os cemitérios medievais eram lugares onde praticamente todas as atividades sociais aconteciam. Eram espaços de lazer, barulho, comércio, julgamentos, refúgios e algazaras. Somente com o advento do século XIX, que os cemitérios passaram a ser configurados com



lajes sepulcrais, com altos muros para se tornar um espaço silencioso e celebrativo reservado para o culto e devoção aos defuntos, como ocorre culturalmente no Dia de Finados (FARGETTE-VISSIÈRE, 2009).

ARTE E ARQUITETURA CEMITERIAL

guardam a memória material e imaterial da família. Na visão sociológica os cemitérios são representações das classes sociais e de ideologias políticas que atestam o reconhecimento de uma comunidade (LEON LUCAS, 2006, p. 09).

Nessa concepção Cury (2000) menciona que, simbolismo do cemitério vai além da morte e retrata o convívio e as classes sociais por meio de suas obras. Desta forma, por meio de sua arte e arquitetura, as necrópoles são oportunidades de reconhecer e diferenciar os processos históricos e sociais de uma geração. Logo, Leon Lucas (2006) ressalta que na Antiguidade os cemitérios eram evidenciados a partir de suas formas e esculturas (túmulos, mausoléus), constituídos como patrimônio cultural que possibilita evidenciar tanto os aspectos históricos, quanto os religiosos de uma determinada época.

A concepção dos cemitérios em diferentes culturas apresenta significados diversos, porém um aspecto é comum entre elas, os cemitérios são lugares de contemplação da vida e da morte que representa momentos de sofrimento, dor, perda e renascença (GUANDALINI, 2017). Nesse sentido, os povos constroem os cemitérios como a ideia de que algo como o espírito ainda pode existir, monumentos funerários são construídos para manter viva a memória do falecido (LEON LUCAS, 2006).

É nesse contexto de contemplação do espírito (alma), que os cemitérios passam a receber uma atenção especial quanto a sua preservação e arquitetura como cita Negraes (1996):

Foram necessários vários séculos para que o homem viesse a pensar no animismo e que a palavra espírito se concretizasse no termo alma. E uma consequência natural do culto aos mortos seria oferecer a eles, para sua vida eterna, tudo que necessitariam, já que onde viveriam – na tumba – não encontrariam meios de sobreviver. Essa prática de oferendas mortuárias, realizadas quando da sepultação do corpo do morto, perdura até hoje sob a forma de deposição de flores e outras dádivas nas sepulturas. Todavia, este costume persistiu durante muitos séculos no Egito Antigo, sob a forma de esquifes de ouro, joias, adornos, e escravos sepultados vivos junto ao senhor. No Egito antigo, a alma era imortal e de natureza divina, pois mesmo depois de separada do corpo continuava a viver, viajando para a eternidade (NEGRAES, 1996, p. 10).

Entretanto, a forma como os cemitérios são concebidos na atualidade, são frutos da sociedade moderna que surgiram da necessidade de organizar e promover qualidade de vida da burguesia nos primeiros centros urbanos. Essa visão é perceptiva em Leon Lucas (2006) quando afirma que:



Foi a partir do século XVIII que começaram a se distanciar os mortos dos vivos, evitando, assim, doenças como cólera e peste bubônica. Foi na chamada “belle époque”, período iniciado por volta de 1880 e que se prolongou até 1914, que a arte europeia se revigorou. Nos cemitérios mais antigos, é comum encontrarem-se trabalhos de artistas famosos, abrigando os restos de anônimos abastados. Em alguns casos, os mausoléus são verdadeiras obras de valor estético, alvos de visita e turismo (LEON LUCAS, 2006, p. 11-12).

Nessa perspectiva Telles (1977, p. 81), ressalta que as necrópoles não consistem em apenas representar a morte ou os cultos aos entes queridos. Sua conjuntura retrata “as expressões sociológicas de etnias, de classes sociais, de culturas religiosas, de filosofias, de simbolismos, de estilos arquitetônicos”, no qual se pode notar os aspectos que são comuns a todos, a morte. Entretanto, cabe ressaltar, que o fator morte serve aqui também como simbolismo para a representação social, principalmente a perpetuação das classes sociais com a valorização da vaidade humana que se estende mesmo após a morte.

O cemitério foi criado por diversos motivos, para que o sepultamento dos mortos fosse prescrito em certas áreas, os chamados cemitérios. Dessa forma, a prática de sepultamento mais comum, compreende o sepultamento em sepulturas, que é quando o caixão está em contato direto com o solo (MORAES; GOIABEIRA, 2014). Sendo assim, o cemitério que na concepção grega significa lugar “onde eu durmo”, com o advento do Cristianismo, passa a assumir significado sagrado e local de respeito destinado para receber a matéria humana após a morte corporal. Dessa forma, os cemitérios passam a receber um cuidado diferenciado na significância religiosa constituída como morada dos mortos, recebendo infraestrutura física para guardar os cadáveres (cadáver – carne dada aos vermes) (GUANDALINI, 2017).

De acordo com Diniz (2017), a chegada do imigrante europeu na segunda metade do século XIX, transformou os cemitérios brasileiros em um ambiente contemplativo artístico com a construção de túmulos simbólicos, que guardavam a memória próspera de seus compatriotas. Essa adesão culminou na vinda de vários artistas que eram trazidos para construir e confeccionar os jazigos que adornavam a morada definitiva do colono europeu.

Nesse contexto, os cemitérios ganham um ar artístico. No que tange a arte cemiterial brasileira pode-se observar seu crescimento a partir do final do século XIX e início do XX, com destaque para os túmulos das famílias que disponibilizavam de recursos financeiros, no qual mandavam os artistas famosos da Europa construir túmulos suntuosos para guardar a memórias de seus entes, ressalta-se o trabalho dos artistas italianos (CEMITÉRIO/SP, 2016).

A arte cemiterial recebe obras dos artistas Brecheret, Emendabili, Oliani e Nicola Muniz que produzem suas peças modernistas nos cemitérios brasileiros com destaque para os aspectos da



monumentalidade e sensualismo em suas esculturas. As obras cemiteriais brasileiras apresentam uma leveza da expressão artística de caráter europeu com uma riqueza extrema de detalhes, com destaque para a presença do nu e o aspecto angelical considerada uma grande inovação para o período (LEON LUCAS, 2006).

De acordo com Diniz (2017), a arte cemiterial trouxe para o ambiente fúnebre a presença das esculturas de bronze, que se tornaram peças de valor histórico e artísticos inestimáveis, que com o decorrer da ação do tempo e o vandalismo passaram a ser deterioradas e comercializadas ilegalmente. Essas ações cooperam para a perda irreparável destas obras que fazem parte do patrimônio artístico nacional (CEMITÉRIO/SP, 2016).

Outro elemento que passou a compor o cenário dos cemitérios foram os Cruzeiros característicos da ação religiosa do cristianismo nos primeiros séculos. A cruz tornou-se o principal símbolo do cristianismo que passou a cristianizar todos os sítios e monumentos pagãos como forma da mesma triunfar sobre a morte. A cruz tem grande significado, no qual o imperador Constantino a decretou como elemento simbólico dos cristãos (VIEIRA, 2004). A cruz “é sempre o símbolo do triunfo eterno sobre a morte” (CHAVES, 1932, p. 4).

A cruz é o símbolo mais universal presente em todas as culturas. “Já no tempo dos egípcios, carthagineses, assyrios, persas, hebreus e gregos, a cruz era aplicada aos suplícios de malfeitores [...]” (BELLINO, 1900, p. 270). “A cruz tanto pode ser a esquemática representação de um ser com os braços abertos, em oração face à imensidade do universo, como emblema do raio solar ou o centro da orientação da rosa-dos-ventos” (RUIZ, s/d, p. 17).

De acordo com Vieira (2004), a cruz passou a ser usada para medir, ditar e marcar os territórios constituídos como sagrados do verbo e da paz:

Igrejas, claustros, cemitérios, praças, caminhos, encruzilhadas, espaços sobre os quais aparece à verticalidade e a horizontalidade do mastro, da cruz, imagem adorada de um altar. É a concentração e a difusão, a convergência e a divergência e está relacionada com as quatro estações, com os tetramorfos, com os símbolos dos quatro evangelistas. A cruz é todo um universo de conjugações (VIEIRA, 2004, p. 04).

A simbologia da cruz ganhou significado em todos os ambientes da sociedade medieval, elemento que retrata sacrifício, morte e salvação, representa para o cristianismo a árvore da vida, a união entre o céu e a terra, entre a vida e a morte e passagem para a vida eterna. Partindo desse princípio, tornou-se símbolo e a base para toda arquitetura da Idade Média, presente principalmente nas plantas das igrejas (GODOY, 2009).



Dessa forma, a figura da cruz torna-se cada vez mais frequente nos atos e ritos religiosos do cristianismo, símbolo da piedade cristã, ícone presencial nos cultos e celebrações cristãs, assinatura do cristianismo nas sepulturas e marca da paz na vida, morte e depois da morte (VIEIRA, 2004). Tornou-se um símbolo tão importante que passou a integrar todas as ações honrosas da Igreja como cita Ruiz (s/d), estando presente em todas as celebrações religiosos e honrosas, representando a Igreja, os impérios e a famílias mais importantes, que trazia em suas cruzes cunhado em seus brasões.

Assim, os cemitérios passam a serem considerados espaços sagrados marcados pela cruz de Cristo, símbolo da fé dos cristãos e marca da promessa do ressuscitado elemento que liga a vida a morte (VIEIRA, 2004). Conforme Viterbo (1993), a cruz ganhou a cristandade e tornou um dos maiores e mais importantes símbolos da fé católica ornamentando assim a paisagem humanizada dos cemitérios, sendo um elemento falante à mais simples arte de madeira, até os mais aprimorados na feição artística cunhado por metais e minerais nobres.

A simbologia da cruz contextualizou todo o ambiente cristão, e passou a ser reproduzida nos cenários das igrejas, capelas e cemitérios. Nos cemitérios, simboliza o acalento dos mortos, alívio e paz para aqueles que partiram na esperança de renascer, ou seja, os cemitérios configuram abrigos para os mortos que a céu aberto são recebidos em seus túmulos (MOTTA, 2010).

Em ambientes de morfologias laicizadas, os cemitérios apresentam características familiares de suas residências e de seus proprietários. Esses aspectos podem ser observados em Martini *et al.*, (2018), quando frisa que o cemitério é uma extensão da vida social, lugar reservado para guardar as memórias dos mortos e preservar a história dos vivos. Dessa forma, Motta (2010, p. 56), afirma que os cemitérios “não se tratava apenas de assegurar ao morto um lugar no céu, mas garantir também um lugar na terra, sob a proteção de uma coberta, aos cuidados da família, para lhe proteger das intempéries, e também resguardar a imagem da conservação do corpo”.

Nesse contexto, os cemitérios tornam-se lugares para a prática familiar de culto aos mortos como preservação da memória e da apreciação e salvação da alma, lugar de conduta moral, apreciado com grande zelo sendo projetados e construídos como verdadeiras moradias com formas e arquitetura diferenciadas constituídas como obras de artes (LEON LUCAS, 2006).

Segundo Ragon (1981), a construção dos túmulos representava os privilégios das camadas sociais mais bem providas da época e levam a sociedade criar aspirações ciosas pelos projetos de materialização do túmulo de caráter único individual ou familiar. O projeto na época era influenciado “por uma política de pacificação da morte que contemplava o respeito pelos rituais, individualização do luto e visitas frequentes ao cemitério” (RAGON, 1981, p. 102).



Figura 1 - Descrição dos Espaços-Estruturais dos Modelos Existentes no mundo de Cemitérios

(A)				
	A1. TRAÇADO E PERCURSOS	A2. PAISAGEM PREDOMINANTE	A3. SEPULTURA PREDOMINANTE	A4. INTENSIDADE E TIPO DE REFERENCIA ESPACIAL
CLASSICO	 malha com muitas opções de percursos	 construída heterogênea construída pelas individualidades	 túmulos/mausoleus construções isoladas e diferenciadas	 forte referência interna túmulos e estátuas como pontos de referência
JARDIM	 orgânico com muitas opções de percursos	 natural homogenea com a diferenciação apenas da natureza	 subterrâneas marcações no solo	 referência externa mediana paisagem longínqua como referência
GALERIA	 malha com poucas opções de percursos	 construída homogenea construída pelo edifício	 catacumbas "gavetas" constituindo as paredes do edifício	 referência interna fraca quase ausência de referenciais
CONTEMPORÂNEO	 circuito com poucas opções de percursos	 mista participação da paisagem e da construção	 catacumbas edificações conformando o espaço	 forte referência interna alterações espaciais e conexões com a paisagem como pontos de referência
(B)				
	A1. TRAÇADO E PERCURSOS	A2. PAISAGEM PREDOMINANTE	A3. SEPULTURA PREDOMINANTE	A4. INTENSIDADE E TIPO DE REFERENCIA ESPACIAL
CLASSICO	 malha com muitas opções de percursos	 construída heterogenea construída pelas individualidades	 túmulos mausoleus construções isoladas e diferenciadas	 forte referência interna túmulos e estátuas como pontos de referência
JARDIM	 orgânico com muitas opções de percursos	 natural homogenea com a diferenciação apenas da natureza	 subterrâneas marcações no solo	 referência externa mediana paisagem longínqua como referência
GALERIA	 malha com poucas opções de percursos	 construída homogenea construída pelo edifício	 catacumbas "gavetas" constituindo as paredes do edifício	 referência interna fraca quase ausência de referenciais
CONTEMPORÂNEO	 circuito com poucas opções de percursos	 mista participação da paisagem e da construção	 catacumbas edificações conformando o espaço	 forte referência interna alterações espaciais e conexões com a paisagem como pontos de referência

Figura (A) e (B):
 Clássico (linha/horizontal)
 Jardim (linha/horizontal)
 Galeria (linha/horizontal)
 Contemporâneo (linha/horizontal)

A1 – Traçado e percursos
 A2 – Paisagem predominante
 A3 - Sepultura predominante
 A4 – Intensidade e tipo de referência espacial.

Fonte: NEUHAUS (2012).



Essa política inspirou vários modelos de cemitérios no mundo que representavam tanto a religiosidade, quanto a história de uma família. De acordo com a Figura 1, percebe-se que os elementos arquitetônicos incorporados aos cemitérios apresentam características do período medieval, e ainda são marcantes na arquitetura do século XIX. Com a influência industrial alguns aspectos modernos são incorporados através do estilo denominado ArtNouveau (NEUHAUS, 2012).

Entretanto, evidencia-se que a arquitetura greco-romana ainda é a grande referência para a ornamentação artística dos túmulos. Esses elementos e características são presentes através dos portais, obeliscos, colunas de sustentação e arcos que indicavam não apenas a suntuosidade, mas significados distintos em suas composições. O arco-portal representa a passagem entre a vida e a morte; o Obelisco retrata e enaltece a grandeza e riqueza do falecido, muito utilizado na cultura egípcia e se popularizou entre 1820 e 1840, por apresentar baixo custo e por comportar mais cadáveres em espaços reduzidos; e a coluna que significa a totalidade da vida de uma pessoa. Um detalhe nesse elemento mostra que se houver uma coluna quebrada (com ou sem flores) significa que a vida foi interrompida prematuramente (CEMITÉRIO/SP, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o contexto histórico e as abordagens da fundamentação teórica, a pesquisa buscou responder qual a representatividade arquitetônica e social dos cemitérios à sociedade, nesse sentido, o estudo analisou o processo histórico mais antigo das necrópoles até seu surgimento no Brasil, mostrando que as necrópoles surgiram da necessidade de a sociedade sepultar seus mortos. Em todas as épocas da pré-história: Paleolítico, Mesolítico e Neolítico, existia a preocupação com o local certo para sepultar os seus mortos, na qual as mudanças ocorriam à medida que surgiam problemas devido às perturbações naturais dos sepultamentos nas áreas selecionadas para abrigar os cemitérios.

Inicialmente, esses espaços eram determinados pela facilidade de se livrar do corpo, independentemente das consequências naturais dos cadáveres. A população adaptou-se a essas necessidades, conforme as condições da saúde pública, a partir do momento em que a população começou a sofrer com os problemas socioambientais como o mal cheiro dos cemitérios e inundações, estratégias foram adaptadas para manter as áreas destinadas aos cemitérios cada vez mais longe dos centros urbanos.

A pesquisa mostra que à medida que surgiram populações maiores, os mesmos problemas se intensificaram e soluções diferentes para resolvê-los podem ser observados. Nesse sentido, pode-se citar



que os mortos eram um culto muito mais íntimo e valioso para algumas civilizações, para outras era um cadáver que precisava de um lugar para ser eliminado.

Dessa forma, a pesquisa aponta que as construções específicas de cada civilização decorrem do lugar e das suas crenças, cada formato dos cemitérios tem uma cronologia das situações adversas decorrentes principalmente de causas naturais através dos cadáveres e seus sepultamentos. Sendo assim, os cemitérios estruturais surgiram precisamente por causa de problemas naturais decorrentes da decomposição dos cadáveres, no qual a população ponderou sobre o local e a maneira de enterrá-los porque o enterro de seus mortos era complicado.

Portanto, houve um processo de mudanças e ajustes nessas construções da necrópole até que o modelo existente fosse alcançado. Cabe mencionar que devido às situações externas como solo, clima, vegetação e chuva, esse processo ocorreu em todos os locais onde ocasionou ajustes na construção de necrópoles. Sendo assim, cabe ressaltar que o surgimento de novas patologias epidêmicas que atingiram a população e que levaram à morte de inúmeras pessoas, levaram a civilização a pensar em como sepultar seus mortos sem que a sociedade fosse diretamente afetada pelo uso dos cemitérios.

REFERÊNCIAS

BELLINO, A. “Archeologia Christã. Descrição Histórica de Todas as Igrejas, Capellas, Oratórios, Cruzeiros e outros Monumentos de Braga e Guimarães”. Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1900. *In: ARTE & PATRIMÔNIO. Origem dos Cruzeiros Arte & Patrimônio - A memória de um povo reflete-se na beleza do seu patrimônio.* Disponível em: <<http://arteepatrimonio.blogs.sapo.pt>>. Acesso em: 23/11/2015.

BRAYNER, T. N. **É terra indígena porque é sagrada: Santuário dos Pajés – Brasília/DF** (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social). Brasília: UNB, 2013.

CEMITÉRIOS. São Paulo. **Portal Eletrônico Cemitérios/SP** [2016]. Disponível em: <<http://www.cemiteriosp.com.br>>. Acesso em: 15/07/2016.

CHAVES, L. “Cruzeiros de Portugal”. Lisboa: Editora Revista Brotéria, 1932, vol. XIV. *In: ARTE & PATRIMÔNIO. Origem dos Cruzeiros Arte & Patrimônio - A memória de um povo reflete-se na beleza do seu patrimônio.* Disponível em: <<http://arteepatrimonio.blogs.sapo.pt>>. Acesso em: 23/11/2015.

CURY, I. **Organizadoras Cartas Patrimoniais**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

DINIZ, A. M. **O Itinerário Pioneiro do Urbanista Attilio Correa Lima**. Jundiaí: Editora Paco, 2017.

FARGETTE-VISSIÈRE, S. “Os animados cemitérios medievais”. **História Viva**, vol. 67, 2009.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**. Brasil: Editora Positivo, 2010.



GODOY, P. E. **O sacrifício de Cristo como superação do sacrifício antigo** (Tese de Doutorado em Teologia). São Paulo: PUC-SP, 2009.

GUANDALINI, F. C. **A transformação da relação do homem com a morte** (Trabalho de Conclusão Curso de Especialização em Psicologia Analítica). Curitiba: PUC PR, 2017.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

KEMERICH, P. D. C. *et al.* “A questão ambiental envolvendo os cemitérios no Brasil”. **Revista Monografias Ambientais**, vol. 13, n. 4, 2014.

LEON LUCAS, A. **Os cemitérios no bairro fragata: uma relação entre o antigo e o contemporâneo** (Trabalho de Conclusão Curso de Especialização Artes em Patrimônio). Pelotas: UFPel, 2006.

MARTINI, A. *et al.* “Cemitério Jardim da Paz como patrimônio histórico, cultural, material e imaterial”. **Revista de Ciências Humanas e Sociais - Missões**, vol. 3, n. 2, 2018.

MORAES, L. S.; GOIABEIRA, V. C. P. M. “Aspectos ambientais dos métodos funerários”. **Revista Ciências do Ambiente On-Line**, vol. 10, n. 1, 2014.

MOTTA, A. “Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios Brasileiros oitocentistas”. **Horizontes Antropológicos**, ano 16. n. 33. 2010.

NEGRAES, E. C. **O Livro dos Mortos do Antigo Egito**. São Paulo: Hemus Editora Limitada, 1996.

NEUHAUS, P. G. **A experiência do espaço na visita ao cemitério contemporâneo** (Dissertação de Mestrado em Arquitetura). Porto Alegre: UFRGS, 2012.

PACHECO, A. **Meio Ambiente e Cemitérios**. São Paulo: Editora SENAC, 2012.

RAGON, M. “L’espace de lamort: essaisur i’ architecture, lá décoration et i’ urbanismefunéraires”. Paris: A Michel, 1981. *In*: NEUHAUS, P. G. **A experiência do espaço na visita ao cemitério contemporâneo** (Dissertação de Mestrado em Arquitetura). Porto Alegre: UFRGS, 2012.

RANGONI, C. S. “Cemitério Municipal de São Francisco: visão crítica sobre as condições das necrópoles de Salvador”. **Candombá - Revista Virtual**, vol. 10, n. 1, 2014.

RODRIGUES, J. C. **O Corpo na História**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

RUIZ, L. M. “Cruzeiros na Província da Coruña”, s/d, vol. I. *In*: ARTE & PATRIMÔNIO. **Origem dos Cruzeiros Arte & Patrimônio** - A memória de um povo reflete-se na beleza do seu patrimônio. Disponível em: <<http://arteepatrimonio.blogs.sapo.pt>>. Acesso em: 23/11/2015.

TELLES, L. S. **Manual do Patrimônio Histórico**. Porto Alegre: Editora Grafosul, 1977.

THOMPSON, B. “Cemitérios verticais, espaço urbano e meio ambiente: O novo discurso científico universitário de incentivo a verticalização do cemitério e cremação”. **Primeiros Estudos**, n. 7, 2015.

VIEIRA, L. **Os Cruzeiros de Lousada**. Porto: Seminário de Licenciatura da Universidade Portucalense, 2004.



VITERBO, F. “Joaquim de Santa Rosa de Elucidário”, 1993, vol. II. *In*: ARTE & PATRIMÔNIO. **Origem dos Cruzeiros Arte & Patrimônio** - A memória de um povo reflete-se na beleza do seu patrimônio. Disponível em: <<http://arteepatrimonio.blogspot.com>>. Acesso em: 23/11/2015.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 11 | Nº 32 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima